

## **Adorem a Allah em suas casas: Cyber Islam e pandemia<sup>1</sup>**

Felipe Freitas de Souza (PPGCSO / UNESP - FCL de Araraquara)

Isabella Macedo de Lucas (FFCLRP / USP)

### **RESUMO**

Este trabalho é uma derivação da investigação sobre a islamofobia em espaços virtuais, levando a dois movimentos dos pesquisadores: a observação não-participante das expressões islamofóbicas online e a vivência nas redes observando grupos islâmicos distintos e suas reações a diferentes eventos. Considerando que a pandemia de Covid-19 levou à reconfigurações dos espaços e dos tempos virtuais e de seus usos, a comunidade muçulmana brasileira encontrou na virtualidade, por diferentes contingências decorrentes da pandemia, uma projeção de sua própria imagem e prática. Tal ocupação do espaço virtual levou ao surgimento de grupos de pesquisa e de ativismo, à exposição da identidade árabe-islâmica, à transmissão de rituais de ordens sufis, à criação de grupos de aplicativos de comunicação para compra e venda de produtos islâmicos e demais iniciativas para lidar com as restrições de aglomeração e com as intenções de agirem junto a outros muçulmanos. Frente à restrição de aglomeração de pessoas, circularam diferentes narrativas do Profeta Muhammad abordando desde os cuidados ao se lidar com uma peste, a higiene das pessoas muçulmanas, a modificação do “chamado para a oração” (adhan), que passaria a dizer “rezem em suas casas” ao invés de “venha para a oração”, bem como a utilização de plataformas de streaming para a transmissão de ritualísticas islâmicas tendo em vista a mitigação da contaminação - são exemplos que demonstram uma predisposição a adaptar-se às situações de adversidade que as fontes tradicionais da religião já relatavam no exemplo do Profeta e de seus companheiros. Buscando uma perspectiva teórico-metodológica que evidencie essas reorganizações nos espaços virtuais, frutos também da obediência à religião islâmica, este trabalho propõe descrever e analisar algumas dessas iniciativas, descrevendo movimentos da comunidade muçulmana em redes sociais. A proposta é mapear no Brasil um campo internacionalmente explorado por autores como Gary Bunt ("Hashtag Islam: How Cyber Islamic Environments are Transforming Religious Authority") e Robert Rozeznal ("Cyber-Sufis: Virtual Expressions of the American Muslim Experience") e que pode ser identificado como Cyber Islam brasileiro.

**Palavras-chave:** cyber-Islam; redes sociais; muçulmanos.

### **Redes sociais, religião e pandemia**

O fenômeno da comunicação religiosa através de plataformas digitais, que "adentra" remotamente na casa das pessoas não é recente e vem sendo estudado por teóricos de diversas áreas (PACE; GIORDAN, 2012). É preciso considerar como o espaço da internet abre possibilidades para novas simbolizações e estilos comunicativos no âmbito religioso. Durante a pandemia da COVID-19 e a necessidade de distanciamento social, conexões através das redes sociais foram, muitas vezes, fortalecidas, pois essas plataformas serviram como meios de manutenção do convívio social e também para minimizar impactos afetivos do isolamento social (PRIMO, 2022). Sendo historicamente um fenômeno que oferece recursos para as pessoas em momentos de crise, a religião também pôde ser utilizada como apoio para a vivenciar o contexto pandêmico, sendo que mensagens e atividades religiosas foram

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

intensificadas no período de pandemia até mesmo por grupos *online* não destinados à religião (vide BOTTINO; SCHELIGA; MENEZES, 2020).

A pandemia, que impôs dificuldades não somente pelo isolamento social, mas também pelas perdas e lutos, demandou também das instituições religiosas que se adaptassem para continuar provendo os rituais e apoios aos seus fiéis, sendo que alguns grupos optaram por continuarem seus encontros pessoalmente - com ou sem cuidados sanitários - apesar dos riscos; já outros adaptaram-se ao modelo virtual - ao vivo ou assíncrono (BAKER et al., 2020). Este texto é um esforço no sentido de observar e compreender como fiéis e instituições da islâmicos no Brasil se adaptaram à pandemia da COVID-19 nos espaços virtuais, tanto em atividades religiosas como de integração comunitária, fornecendo uma visão geral do tema.

Em pesquisas anteriores (MACEDO, BARBOSA, 2021; SOUZA, 2017a, 2017b, 2017c), identificamos a relevância das redes sociais para compreender a islamofobia e a intolerância que muçulmanas e muçulmanos vivenciam; todavia, se essas pessoas vivem tais violências em plataformas de redes sociais *online*, é porque estão presentes nessas plataformas. No sentido de somar às pesquisas sobre os ambientes cyber-islâmicos brasileiros, como as de Goldfarb e Lima (2021), que propomos o presente texto.

### **Sobre os ambientes cyber-islâmicos**

As orações de sexta-feira no Islam, chamadas de صلاة الجمعة (*salat jummah*), são, em resumo, obrigatórias para os homens muçulmanos e optativas para as mulheres muçulmanas: quem irá realizá-la deve se dirigir a uma mesquita, ou outro espaço de congregação de muçulmanos naquela localidade, e seguir uma série de orientações relativas desde a higiene até a etiqueta de como ouvir o sermão proferido pela liderança religiosa daquele contexto - por exemplo, conferir as orientações (sunitas) em Işık (2015, p. 123 em diante). Ou seja: pessoas muçulmanas, em qualquer lugar do planeta e em condições, devem se aglomerar para realizar suas orações às sextas-feiras. Esses momentos, muitas vezes chamado simplesmente de *jummah*, são oportunidades de encontro para a comunidade, fortalecimento de laços e demais questões de sociabilidade. Feitas tais observações, é importante considerar que a pandemia de COVID-19 teve impactos determinantes nesse momento de sociabilidade, impedindo-o, dada a proibição de aglomerações, ou dificultando-a, uma vez que medidas de distanciamento social, por exemplo, ainda são recomendáveis para prevenção do contágio pela doença. Como a antropóloga Barbosa (2021, p.116) apontou “(...) a cerimônia religiosa

sofreu grandes alterações após decretado o período de quarentena, por ser um espaço de potencial fonte de contágio.”<sup>2</sup>

Por outro lado, é preciso considerar o que o escritor italiano Paolo Giordano ressalta: “No contágio, a falta de solidariedade é, também, falta de imaginação.” (GIORDANO, 2020, p. 35) Isso porque não faltou solidariedade por parte dos grupos muçulmanos: ações sociais de distribuição de alimentos foram registradas em diferentes lugares<sup>3</sup>, bem como a adesão às medidas de mitigação da pandemia. Já a imaginação ficou por conta da forma como muçulmanas e muçulmanos recorreram aos ambientes virtuais para continuarem suas práticas, fortalecerem laços e darem continuidade à prática do Islam - o que tomou contornos próprios.

De acordo com Bunt (2009, p.1), o termo ambientes cyber-islâmicos (no original, *cyber-islamic environments*, com a sigla CIES) “(...) reconhece a diversidade entre diferentes zonas do ciberespaço que representam variadas visões muçulmanas de mundo dentro da Casa do Islam, todas as quais apresentam algum ponto de referência de identidade com uma conceituação do Islam.”<sup>4</sup> Os ambientes digitais serão utilizados então como espaços para difundir o Islam e as múltiplas formas de islamismo, digitalizar as ritualísticas religiosas, definir agendas e publicizar crenças, além de permitirem a formação de redes em diferentes escalas (ROZEHNAL, 2019). Novamente em Bunt (2009, p.21-2), temos que “Graus de ‘ritual’ podem aparecer ou ser representados *online* para muitos propósitos: explicar àqueles de fora uma prática da crença, encorajar novos adeptos, gerar um senso de identidade entre os praticantes existentes e/ou refletir e relacionar processos e interações *offline*. ”<sup>5</sup>

A questão é que numa era onde há uma difusão da internet e da comunicação digital, as dimensões religiosas não passariam incólumes, influenciando e recebendo influências do que acontece na virtualidade. Há impactos da tecnologia na prática e conhecimento do Islam: antes as pessoas peregrinavam para a cidade de Meca em cavalos e camelos, passaram a ir de trem, depois de avião e hoje podem assistir ao *streaming* ao vivo dos locais da cidade sagrada.

---

<sup>2</sup> O artigo de Barbosa (2021) foi escrito na semana de 2021 em que as mesquitas passaram a abrir as portas para as orações de sexta-feira; a autora relata o choque de ver as portas de uma mesquita fechada em uma sexta-feira exatamente pelo rigor comunitário em cumprir essa orientação.

<sup>3</sup> Como se constata em ações das comunidades muçulmanas de Mogi das Cruzes (<https://g1.globo.com/sp/mogi-das-cruzes-suzano/noticia/2020/05/01/coronavirus-impede-ida-a-mesquita-e-muculmanos-vivem-mudanca-nas-tradicoes-do-ramada.ghtml>) e de Embu das Artes (<https://ojoioeotriogo.com.br/2020/07/uma-mesquita-na-favela-alguns-voluesantarios-muitas-toneladas-de-solidariedade/>), por exemplo.

<sup>4</sup> Tradução livre de: “My use of the umbrella term “cyber-Islamic environments” (CIE) acknowledges diversity among within different zones in cyberspace that represent varied Muslim worldviews within the House of Islam, all of which present a reference point of identity with a conceptualization of Islam.” A expressão “House of Islam”, “Casa do Islam”, faz referência aos espaços onde o Islam predomina (seja como prática, seja como orientação geral da população). O termo original é دار الإسلام (*Dar al-Islam*).

<sup>5</sup> Tradução livre de: “Degrees of “ritual” may appear or be represented online for many purposes: to explain to outsiders a belief practice, to encourage new adherents, to engender a sense of identity among existing practitioners, and / or to reflect and relate to offline processes and interactions.”

A consulta a narrativas do Profeta Muhammad envolvia, no passado, viajar para centros de pesquisa e difusão, depois uma ligação telefônica para um shaykh que talvez pudesse trazer o esclarecimento procurado, hoje é possível acessar bases de dados e ter a narrativa do Profeta Muhammad na “ponta dos dedos”<sup>6</sup> enquanto se assiste ao *streaming* de sua liderança.

A própria tecnologia pode ser utilizada para compreender a religião: Bunt (2009) utiliza a metáfora do “*software* de código aberto” (*software open source*) para compreender o Islam, dado que a questão da autoridade não está constituída em uma única instituição. O espaço digital ofereceria uma virtualização da *ummah* (em síntese: comunidade de fieis), possibilitando uma *cyber-ummah* ou *ummah* virtual. Uma vez que inexiste no Islam o monopólio da autoridade religiosa, como no Catolicismo, por exemplo, é possível que sob a mesma descrição da prática, Islam, as pessoas incluam formas muito distintas de ser: variam as escolas de jurisprudência, as orientações políticas, as concepções da crença, os entendimentos da fé. Some a tal variação os usos que se faz das tecnologias digitais, potencializando (algumas) expressões islâmicas.

Sintomático da presença islâmica em meios digitais é que a bênção que muçulmanos costumam dizer após o nome do Profeta Muhammad, صلى الله عليه وسلم (*sallallahu allaihi wa salam*, tradução livre: “que a paz e as bênçãos de Deus estejam sobre ele”, está sintetizada no símbolo ﷺ, em Unicode - de modo que qualquer computador que utilize algum sistema de escrita pode inseri-lo em algum texto. Pode parecer um detalhe pequeno, mas a questão é que muçulmanas e muçulmanos não abrem mão de seguir a tradição de desejar bênçãos sobre seu Profeta, ainda mais por reconhecerem nele um exemplo a seguir.

Portanto, já ocorrem inserções da religiosidade no espaço digital que devem ser melhor exploradas. No caso da pandemia de COVID-19, uma prática foi recordada: a de modificar-se o chamado para a oração. Em certo trecho, onde se diz حي على الصلاة (*hayya 'alas-salat*, “venha para a oração”), em tempos de pandemia deve-se dizer صلاة في بيوتكم (*salat fi biutikum*, “rezem em suas casas”). Além disso, há normas de higiene e purificação na jurisdição islâmica que são plenamente aderentes à proteção durante uma pandemia.<sup>7</sup> Recorrer aos meios digitais foi certamente uma estratégia para perpetuar a segurança individual e comunitária.

---

<sup>6</sup> Por exemplo, [www.sunnah.com](http://www.sunnah.com), com milhares de narrativas.

<sup>7</sup> Para mais informações sobre o tema, consultar Prado, 2020.

## Mesquita Brasil: o Ramadã e a identidade árabe-islâmica

A primeira mesquita com registros oficiais em território brasileiro foi a Mesquita Brasil<sup>8</sup>, de orientação sunita, construída em 1929 e inaugurada em 1960, no bairro Cambuci em São Paulo, pela Sociedade Beneficente Muçulmana (SBM), visando reforçar a identidade étnica árabe no Brasil (OSMAN, 2019). Pela sua origem, pode-se observar ser uma organização árabe “tradicional”, com foco na identidade árabe-islâmica, visando promover atividades religiosas muçulmanas em território nacional, incluindo práticas religiosas e comunitárias do mês do Ramadã. O mês do Ramadã é um período sagrado para os muçulmanos, que marca, dentre outros eventos, o início da revelação do Alcorão ao Profeta Muhammad (GUELLOUZ, 1996). Seu início é marcado pela lua nova. Nele, os muçulmanos se abstém de diversas práticas em prol do desenvolvimento espiritual, conhecido como o período em que se faz jejum do nascer ao pôr do sol, mas que se expande também para abstenção de atividades sexuais e realização de caridade, por exemplo. Para a comunidade muçulmana, o mês do Ramadã também é um mês de união e confraternização nos momentos de desjejum, que ocorrem por volta do pôr do sol, sendo comum a prática coletiva de orações e alimentação nas mesquitas, em comunidade. No entanto, essas práticas foram cessadas no ano de 2020, por conta da pandemia da COVID-19, e suas lideranças fortaleceram articulações *online* para manter a comunidade muçulmana unificada neste período. No entanto, os esforços para a inclusão de mídias sociais nas atividades religiosas islâmicas datam de antes da pandemia e se intensificam com ela, como apresenta Rozehnal (2019) sobre autoridades religiosas islâmicas utilizando mídias eletrônicas: “(...) mesmo as autoridades religiosas tradicionais e estabelecidas são compelidas a empregar a mídia eletrônica para policiar as fronteiras, salvaguardar a tradição e defender suas próprias posições.” (ROZEHNAL, 2019, p.36).<sup>9</sup>

Uma das articulações criadas em 2020 foi a série de transmissões ao vivo intitulada “Noite de Ramadã” no canal do YouTube da Mesquita Brasil<sup>10</sup>, que se propôs a realizar *lives* diárias em que são transmitidas orações, conversas e o próprio desjejum em conjunto de shaykhs e pessoas da comunidade durante o período do Ramadã. As transmissões foram feitas diariamente pelo período de trinta dias, com vídeos de duração de aproximadamente duas

---

<sup>8</sup> A chegada do Islam no Brasil se deu por pessoas muçulmanas escravizadas vindas da África - etnias Haussás, Fulânis, Nupes - que trouxeram o Alcorão (não só em forma de livro, mas memorizado em suas mentes e corações) às terras nacionais e mantiveram o Islam, apesar da opressão colonialista (SOBREIRA; FARIAS, 2011). Os autores consideram que os primeiros a se identificarem como muçulmanos e a fundarem uma mesquita em solo brasileiro foram obviamente os africanos, não os árabes.

<sup>9</sup> Tradução livre de: (...) *even traditional, established religious authorities are compelled to employ electronic media to police boundaries, safeguard tradition, and defend their own positions.*

<sup>10</sup> Disponível em [www.youtube.com/c/MesquitaBrasilSociedadeBeneficenteMu%C3%A7ulmanaSBM1](https://www.youtube.com/c/MesquitaBrasilSociedadeBeneficenteMu%C3%A7ulmanaSBM1).

horas. Logo no primeiro vídeo, os shaykhs apresentam-se - sendo o principal, o shaykh Mohamad Al Bukai da Mesquita Brasil, acompanhado pelos shaykhs Muhammad Alaa Eldine e Caido Bashir Mudera (Mesquitas do Pari e de Santo Amaro respectivamente - configuração do ano de 2020), ocasionalmente com convidados diversos, como os shaykhs da Mesquita de Guarulhos, Mesquita do Jardim Floresta, etc. A oração inicial tem duração de aproximadamente 50 minutos, para posterior conversa entre os shaykhs e o público, que acontecem em árabe e em português.

Figura 1 - Transmissão da live "Noite de Ramadan" no canal da Mesquita Brasil



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=bNI1bLItwec&t=4533s>, acesso em 11 de agosto de 2022.

Em 2020, os temas principais giram em torno de a mesquita estar fechada devido à crise de saúde, aconselhando-se às pessoas “rezarem em suas casas” informando que o objetivo das transmissões é “trazer espiritualidade para dentro da casa de vocês”, encorajando os fiéis a compartilharem as *lives* para que “entrem nas casas de outras famílias” e a escreverem dúvidas sobre o período do Ramadã ou sobre a religião. No mesmo ano, as orações giram em torno do pedido de que Deus remova a pandemia: “Que Allah remova essa pandemia, cure as pessoas que estão doentes”. Também realizam acolhimento, falam sobre situações difíceis e de angústia, “Chegamos no Ramadã. Estamos vivos. O que Deus quer de nós nessas situações? Deus quer ver o seu coração”. Também apresentam que a pandemia é uma “oportunidade de perceber que consegue seguir a religião onde estiver” e “se você rezar dentro da sua casa, a sua casa será mesquita, mesma recompensa”.

Algo a se destacar é a educação sobre a COVID-19 e a pandemia pelo olhar científico, valorizando o trabalho dos cientistas, ensinando sobre como o vírus é transmitido “pelo ar”, encorajando o uso de máscaras e o isolamento social: “o melhor tratamento agora é o

isolamento social”, além de “procurar conhecimento é uma necessidade, é questão de salvar a vida”. Falam de ações de países e gastos, como a necessidade de gastos com hospitais, escolas, pesquisa científica, em detrimento dos gastos com “estádios de futebol”.

Próximo ao final do mês do Ramadã de 2020, os vídeos ficam mais longos e “profissionais”, com tela de espera com recitações do Alcorão, imagens e súplicas. Quando se inicia, há letreiros na tela encorajando dúvidas através da *hashtag* #RadamanMesquitaBrasil<sup>11</sup>, logos das redes sociais da Mesquita Brasil e os nomes dos shaykhs convidados, também apresentam na tela *link* para contribuir em dinheiro, o زكاة الفطر (*Zakat El-Fitr*, em resumo: caridade obrigatória). Também aparecem na tela comentários dos fiéis sobre a experiência do Ramadã *online*, relatando tristeza pela mesquita estar fechada, “os encontros diários na mesquita para a quebra do jejum e o *taraweeh*<sup>12</sup> era a oportunidade de estar com os irmãos”, mas também agradecendo pelas transmissões ao vivo: “Vocês (shaykhs e produção), fizeram nossos dias mais leves. *Jazakallahu khairan*<sup>13</sup>!”

Figura 2 - Transmissão da *live* "Noite de Ramadã" no canal da Mesquita Brasil



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=6pLtRk\\_bnI8](https://www.youtube.com/watch?v=6pLtRk_bnI8), acesso em 11 de agosto de 2022.

No ano de 2021, os vídeos começam a fazer parte de uma série chamada "O Ramadã nos Une", com uma vinheta mais especializada:

<sup>11</sup> Hashtags são formas de comunicação próprias de redes sociais, como o Facebook e Twitter, onde as pessoas podem, clicando nelas, consultar outras publicações que mencionam-as.

<sup>12</sup> Referência à oração durante o mês do Ramadan em que em cada uma de suas trinta noites recita-se um trinta avos do Alcorão, de modo que complete-se sua recitação ao longo do mês. O próprio Alcorão costuma ser dividido em trinta partes, chamadas de جزء (juz).

<sup>13</sup> Transliteração da expressão em árabe جزاك الله خيراً, “Que Deus lhe recompense com a bondade /o melhor.”

Figura 3 - Transmissão da *live* “O Ramadã nos Une” no canal da Mesquita Brasil



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=npmIzIXX-GM>, acesso em 11 de agosto de 2022.

As transmissões continuam tendo como principal apresentador o shaykh Mohamad Al Bukai, com duração e estrutura semelhante às *lives* de 2020, acompanhado pelo shaykh Mohammed Barakat em algumas transmissões. Nas transmissões de 2021, o shaykh Mohamed Al Bukai faz sermões para o público majoritariamente sozinho, com a presença de outros shaykhs de forma esporádica (como o shaykh Houssam El Boustani, entre outros), mas o foco passa a ser a conversa com o público. Os sermões se concentram em temas de educação acerca do Ramadã e mudança de comportamento.

Há também a presença de convidados em alguns vídeos, principalmente médicos da comunidade árabe. Além disso, apresenta-se uma melhoria tecnológica: as transmissões passam a ser chamadas de “programa” e se apresentam com um cenário mais preparado, além de maior interação com os internautas, tomando o formato similar ao de um programa televisivo. Os comentários aparecem em tempo real na tela, e o shaykh lê, com assistência, perguntas e comentários. Em um vídeo, um fiel realiza a pergunta “é para tomar vacina da COVID-19?”, e em seguida é encorajado pelo shaykh a se vacinar: “Não tem problema tomar a vacina, isso não atrapalha o seu jejum”. O shaykh complementa com um relato esperançoso de que a vacina ajudaria a amenizar a pandemia, afinal “estamos perdendo muitas pessoas queridas”, e pede por cura para os doentes.

Ainda em 2021, ao longo dos vídeos, a mesquita começa a ser aberta novamente para a população e se inicia a presença de pessoas da comunidade nas transmissões, ainda com máscara e distanciamento social:

Figura 4 - Transmissão da *live* “O Ramadã nos Une” no canal da Mesquita Brasil



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=6Wzj3QE74g0>, acesso em 11 de agosto de 2022.

Os letreiros começam a divulgar eventos e retorno das atividades na mesquita. Há, também, a presença de crianças e a divulgação de projetos como o chamado “O Clubinho do Islam” na rede social Instagram<sup>14</sup>, com a proposta de atividades e livros infantis para a educação das crianças sobre a religião e o período do Ramadã. Em alguns vídeos, são convidadas pessoas da comunidade para a discussão final, focada em algum assunto relevante, principalmente abordando a temática da saúde.

Por exemplo, no nono dia do Ramadã, é convidado o Dr. Abdul El Kader El Hayek, ginecologista, que educa sobre a saúde da mulher, principalmente sobre a gestação, citando também questões sobre a COVID-19: “mulheres grávidas são pacientes de risco”, contando sobre casos em que é necessário o interrompimento de gravidez em casos graves de COVID-19 por gestantes (sobre ética islâmica acerca do aborto, ver ABÍMBOLA, 2021), encorajando que elas se vacinem e dizendo que gestantes não devem fazer o jejum do Ramadã. No vigésimo terceiro dia do Ramadã, são convidados os médicos da comunidade: Dr. Ali M. Kassn Awada e Dra. Jamile Barakat Awada, urologistas, para falar sobre como manter a saúde de forma geral, levantando também questões de gênero, como saúde do homem e da mulher, além de discussões sobre infertilidade (“não é culpa do homem nem da mulher”), além de ligações de fiéis para expressarem dúvidas sobre diferentes tópicos da temática saúde.

No final das transmissões de 2021, os agradecimentos são feitos de forma mais extensa e personalizada, com cada comentário ao fiel que acompanhou as transmissões ao vivo. Fiéis de diversas partes do Brasil apresentam suas localizações e agradecimentos. O

<sup>14</sup> Disponível em [www.instagram.com/clubinhodoislam](http://www.instagram.com/clubinhodoislam) - na página, há um telefone para contato por WhatsApp.

shaykh ressalta como o programa “Ramadã nos Une” é feito por uma equipe, o que demonstra a importância das tecnologias para propagação da mensagem islâmica. Já no ano de 2022, a primeira mudança percebida é a tela de espera, que apresenta os convidados do dia ou as orações a serem feitas, como no primeiro vídeo, em que o programa é apresentado por três shaykhs, sendo o principal o shaykh Mohamad Al Bukai, acompanhado pelos shaykhs Mahmoud Jamal e Ali Al Khatib. A tela inicial também apresenta os logos da Sociedade Beneficente Muçulmana, além de logos da mesquita e do programa “O Ramadã nos Une”:

Figura 5 - Transmissão da *live* “O Ramadã nos Une” no canal da Mesquita Brasil



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=AgkIofTszMk>, acesso em 16 de agosto de 2022.

Neste ano, há a presença de fiéis durante as orações, sem utilização de máscara de proteção. Os fiéis que aparecem durante as transmissões ao vivo são homens, pois estão na frente; em alguns vídeos é possível observar as mulheres na parte de trás devido à divisão de locais de oração por gênero dentro da mesquita, com a presença de algumas crianças brincando ou participando também da oração. Já no horário do programa, após as orações diárias do Ramadã, o shaykh Mohamad Al Bukai, ao dar boas-vindas para o Ramadã de 2022, diz “a Mesquita Brasil estará com vocês 24 horas”. As atividades se expandem, com novas propostas para além da oração e desjejum ao pôr do sol. Súplicas 15 minutos antes do nascer do sol, que marca a oração da manhã (صلاة الفجر, *salatul fajr*), também são transmitidas logo após uma refeição. Após a oração, é realizada uma aula de leitura do Alcorão, onde os fiéis podem ler em conjunto com o shaykh e tirar dúvidas por ligações ou mensagens no WhatsApp. Portanto, as atividades em 2022 são feitas tanto no horário do desjejum, como de costume nos outros anos, assim como as orações noturnas e também no horário da madrugada, antes do jejum, “os horários mais nobres”, nas palavras do shaykh Mohamad Al

Bukai. Sendo assim, as atividades do Ramadã são extensas, acompanhando a comunidade em diversos momentos do dia, ao invés de apenas durante o final do dia, como acontecia em 2020 e 2021.

O programa “O Ramadã nos Une” é tratado como um programa em sua “segunda temporada”, que conta com a presença de médicos, historiadores, especialistas (e.g: recebem Major Palumbo do corpo de bombeiros para tratar de primeiros-socorros) em conjunto com shaykhs para “trazer o conhecimento de tudo o que é benéfico (...) para poder unir o lado material com o lado espiritual. O mês do Ramadã é uma escola que pode trazer muitos benefícios.”

No ano de 2022, o programa conta com vídeos curtos provenientes de diversos shaykhs e personalidades da comunidade árabe e islâmica, que promovem cumprimentos e curtas mensagens à comunidade da Mesquita Brasil, como o shaykh Mahmoud Jamal (enviado de Al-Azhar à Mesquita Brasil); shaykh Ali Al Khatib (Representante de Dar Al Fatwa Dar Al-Fatwa Libanesa no Brasil e na América Latina); shaykh Dr. Abdul Hai Eid Sarhan (Presidente da missão do Ministério Egípcio de Awqaf no Brasil); shaykh Caido Bashir Mudera (shaykh e Imam da Mesquita da Misericórdia de Santo Amaro); shaykh Amin Alkaram (shaykh e Imam da Mesquita de Florianópolis); shaykh Jihad Hammadeh (Vice-presidente da União Nacional das Entidades Islâmicas UNI); shaykh Dr. Samy Alboraiy (shaykh e Imam da Mesquita do Tatuapé); shaykhs Mohammed Barakat e Rodrigo Rodrigues (shaykhs e Imames da Mesquita do Pari); dentre outros. Muitos desses vídeos são feitos exclusivamente em árabe, outros em árabe-português, o que traz um aspecto étnico-grupal associado à questão islâmica propriamente dita.

O programa segue sua proposta de conversa com os telespectadores, exibindo comentários e perguntas na tela, com respostas e comentários pelos shaykhs e convidados na sequência. Os temas centram-se, como nos anos anteriores, em assuntos relevantes ao mês do Ramadã pela perspectiva religiosa, para o crescimento do conhecimento religioso e mudanças de pensamento/comportamento, valorizando a disciplina necessária no mês do Ramadã. O tema da COVID-19 ainda se faz presente, sendo citado que 2022 é o primeiro ano desde o início da pandemia em que é possível rezar sem máscaras e em que as mesquitas estão lotadas, “as pessoas estão com saudades”. Por outro lado, o shaykh Jihad Hammadeh, em um dos episódios em que participa, relata como o programa “O Ramadã nos une” é importante para levar conhecimento da comunidade para locais do Brasil em que não há mesquitas: “essa é uma questão de inclusão de todos os muçulmanos, e também dos não-muçulmanos que querem conhecer a religião.”

É interessante citar o aparecimento do tema de “novos muçulmanos”, em diálogo com o shaykh Rodrigo Rodrigues (um dos poucos shaykhs nascidos no Brasil), promovendo maior aceitação de muçulmanos convertidos<sup>15</sup> pela comunidade islâmica brasileira, tradicionalmente árabe. O shaykh Rodrigo Rodrigues relata que muitos muçulmanos revertidos vivem isolados em cidades em que são os únicos praticantes ou até mesmo os únicos conhecedores do Islam no local em que vivem, sem acesso aos líderes religiosos e às mesquitas. É difundida a ideia de como as transmissões ao vivo promovem a inclusão dessas pessoas na comunidade muçulmana: “essas pessoas estão conosco agora, nos acompanhando.” Ainda nesse tema, refletem que muitas pessoas olham os muçulmanos convertidos como “novos no Islam” e “não-árabes”, mas trazem como os primeiros convertidos foram os árabes, que também não conheciam sobre o Islam e também foram discriminados por suas famílias, valorizando os esforços de fiéis que não tem amparo comunitário e religioso, principalmente na condução do jejum no Ramadã, diante da incompreensão de seus círculos sociais, reafirmando como Deus vê esses esforços e irá recompensá-los: “o Ramadã é um mês de vitórias.”

Os relatos sobre os programas de “Noite de Ramadã” de 2020 até “O Ramadã nos Une” de 2021 e 2022 procuraram dar uma visão geral sobre as articulações da Mesquita Brasil e líderes religiosos para se adaptarem às necessidade de atividades remotas devido à pandemia da COVID-19. Nota-se que o programa apresenta maior abrangência por ser extenso, composto por dezenas de vídeos, incorporando novas transmissões de atividades, aulas e orações. São necessárias pesquisas futuras que procurem descrever extensivamente o fenômeno da vivência do Ramadã de forma remota no Brasil, e como isso impactou/impacta as comunidades islâmicas, assim como muçulmanos vivendo em locais do Brasil sem acesso às mesquitas e líderes religiosos.

### **Naqshbandi do Brasil: rituais islâmicos pelo YouTube**

De acordo com Ali e Leaman, “O sufismo ou misticismo islâmico assume muitas formas, desde a filosofia esotérica que busca explorar a dimensão interior ou essência da realidade até exercícios espirituais práticos para inculcar hábitos de piedade e desenvolver a consciência contínua de Deus, ou *taqwah* [“atenção a Allah”], que é o objetivo de todo crente.” (ALI; LEAMAN, 2008, p.134) Tal definição de sufismo amplia aquilo que o texto *Al-murshid al-Mu’een* afirma como um dos princípios do sufismo e uma das orientações para

---

<sup>15</sup> Os “novos muçulmanos” são chamados pelos shaykhs de “convertidos”, se diferenciando da denominação de “revertidos”, termo que é comumente utilizado pela comunidade muçulmana pela crença de que todas as pessoas são muçulmanas ao nascerem, e apenas retornam à religião quando se convertem

sua realização: “É obrigatório voltar-se em *tawba* [“arrependimento”] imediata e absolutamente após toda ação errada cometida.”<sup>16</sup> (IBN ‘ASHIR, 2018, p.96) Como se apreende de ambas as referências, o sufismo preza um conhecimento não somente intelectual, mas principalmente cardíaco, pois lida com emoções, aperfeiçoamento do indivíduo, aprofundamento de sua presença perante Allah. Algo que tanto Ali e Leaman (2008) e Ibn ‘Ashir (2018) ressaltam ainda é que o sufismo tem como característica a orientação por um shaykh<sup>17</sup>. Portanto, existe uma noção de orientação: assim como o Profeta Muhammad orientou as pessoas, alguém cumpre o papel de orientação não em substituição do Profeta, mas “em nome de Allah”, de modo que exista uma cadeia de transmissão do conhecimento profético que se origina em Allah, passa para o anjo Gabriel, que transmite então a Revelação para o Profeta Muhammad, que então a ensina para os demais, que ensinam uns para os outros e assim sucessivamente. Resumidamente, esse é o papel da *tariqa*: estabelecer uma relação segura com o conhecimento a partir de uma linha sucessória - a سلسلة, *silsila*.

A Ordem Naqshbandi foi fundada pelo shaykh Baha-ud-Din Naqshband al-Bukhari ainda no século XIV em Bukhara (hoje Uzbequistão). Também é referida como “o sublime caminho sufi” ou “o caminho da cadeia dourada”, sendo a “cadeia dourada” a ordem de sucessão da *tariqa* desde o profeta Muhammad até o atual líder. A ordem segue uma tradição sufi ortodoxa em consonância com o Islam Sunita Tradicional. Destaca-se a figura do shaykh Nazim, que retomou a Ordem no final do século XX e promoveu sua expansão ao redor do mundo. Hoje em dia, a organização tem como mestre o shaykh Mehmet Adil an-Naqshbandi (filho mais velho de shaykh Nazim), ligado à ligada à Ordem Naqshbandi Haqqani do Chipre. No mundo, a ordem possui aproximadamente 60 milhões de seguidores, e centros em quase todos os países, com destaque para atuação na Indonésia, Malásia, Sri Lanka e Paquistão, mas sendo também a ordem sufi mais ativa no Ocidente.<sup>18</sup>

No Brasil, a ordem se estabeleceu há aproximadamente 10 anos, tendo sua sede em Curitiba (PR). As atividades *online* centram-se em transmissões semanais ao vivo; podcasts (em múltiplas plataformas, como o Youtube, Spotify, Anchor.FM, Pocket Casts, Google Podcasts); compartilhamentos no Instagram (com chamada para eventos e ensinamentos); mensagens diárias em grupos de WhatsApp; além da produção editorial.

---

<sup>16</sup> Tradução livre de: “*It is obligatory to turn in tawba immediately and absolutely from all wrong action committed.*”

<sup>17</sup> Linguisticamente, *shaykh* se refere a pessoa mais velha, mas contempla também o significado de “mestre”. Faz-se por esse significado referência “(...) àquele que viajou pelo caminho místico (*tariqa*) e dominou seus vários estados (*ahwal*) e estações (*maqamat*). Quando o indivíduo dominou o caminho e tem qualificação para ensinar as doutrinas do sufismo para os aprendizes e treiná-los, ele ou ele recebe o título de *shaykh / pir* (*shaykha* no caso das mulheres).” (HOFER, 2013, p. 508)

<sup>18</sup> Trecho retirado do texto *Os Místicos do Islã: a Ordem Naqshbandi*, gentilmente cedido, via WhatsApp, pelo representante da *tariqa* no país, Abdul Qadir.

Destacamos o livro *Amor* (AL-HAQQANI, 2021), publicado pela recém-fundada Editora Naqshbandi do Brasil, sendo sua primeira obra. Tal publicação surge também no contexto da COVID-19, contando com divulgação em redes sociais e a possibilidade de adquiri-la por meio de lojas virtuais. O livro é uma coletânea de discursos do Mawlana Shaykh Nazim al-Haqqani, selecionados por uma *murida* (“discípula”) do shaykh Nazim, que é seu *murshid* (“mestre”)<sup>19</sup>. A obra contém, além de traduções de discursos do shaykh citado, seções que abordam a vida do shaykh, uma introdução apresentando a ordem, um glossário para consulta e uma lista de agradecimentos aos demais membros da *tariqa* que contribuíram para a obra. Seu representante autorizado, Abdul Qadir Tondo, informa na Introdução do livro que: “Nossa editora não tem relação com nenhuma outra editora no Brasil. E tampouco com outros grupos sufis diferentes deste grupo mencionado. (...) A ordem Naqshbandi do Brasil é ligada, então, à Ordem Naqshbandi Haqqani do Chipe.” (AL-HAQQANI, 2021, p.25) Adiante, informa que “Hoje a Ordem Nashbandi do Brasil conta com uma boa estrutura e ensina o Islam e o sufismo, através de diversos meios, para mais de 1.500 pessoas diariamente.” (AL-HAQQANI, 2021, p. 28)

Esses ensinamentos hoje circulam utilizando-se de plataformas digitais. Para além do site da *tariqa*<sup>20</sup>, teremos outros espaços digitais de ensino e aprendizagem do sufismo. Além do canal<sup>21</sup> na plataforma de vídeos YouTube onde divulgam suas *lives* semanalmente, possuem diferentes grupos no aplicativo de mensagens WhatsApp, de nome “Coração Sufi”, onde enviam diariamente textos produzidos e traduzidos por membros da *tariqa*, bem como links para episódios do podcast Naqshbandi Brasil na plataforma Spotify<sup>22</sup>. Os temas são variados, mas a maioria deles traz uma *suhbah*<sup>23</sup> sobre algum tema específico: adoração, a próxima vida que se inicia após a morte, cura, pilares da religião islâmica, etc. Significativo é que o podcast na plataforma supracitada se iniciou em Fevereiro de 2021, sendo mais uma iniciativa tomada durante a pandemia. Esse expediente, de trazer uma *suhbah* sempre que possível, é apreensível no canal do YouTube, fundado no final de Abril de 2020, demonstrando esse empenho em manter a presença do conhecimento mesmo na impossibilidade da presença física. Na figura a seguir, o representante da *tariqa* Abdul Qadir orienta seu grupo, presencial e *online*, em um ritual de *dhikr* - ذکر, “recordação [de Allah]”..

---

<sup>19</sup> Tais termos podem conter outras acepções sutis, mas atribuímos significado semelhante ao constante em Silva Filho, 2012.

<sup>20</sup> Disponível em [naqshbandibrasil.org](http://naqshbandibrasil.org).

<sup>21</sup> Disponível em [youtube.com/channel/UC6-8EOfhxxb6mcKTjrkAhYw](https://youtube.com/channel/UC6-8EOfhxxb6mcKTjrkAhYw).

<sup>22</sup> Disponível em [open.spotify.com/show/1UCqQKZd3VVEy7HcBP5IRQ](https://open.spotify.com/show/1UCqQKZd3VVEy7HcBP5IRQ).

<sup>23</sup> Essa palavra “Alude tanto aos discursos dados por um mestre sufi, como à reunião na qual ela se dá. Pode se referir também às falas dos representantes instituídos por este mestre.” (AL-HAQQANI, 2021, p.154-5 - do Glossário da obra).

Figura 6 - Transmissão de encontro da Naqshbandi no Brasil



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=3UgPvIwpCPY&t=505s>, acesso em 20 de Julho de 2022.

A *suhbah* tem como característica ocorrer presencialmente, defronte o mestre que traz a orientação sobre o tema; todavia, conforme Rozehnal (2022) já observara em relação à *tariqa* que estudou nos Estados Unidos, o shaykh passa a ser multimídia, não estando apenas no aspecto presencial. Será possível então receber as lições espirituais por múltiplos suportes (áudio, audiovisuais, aplicativos de mensagem, redes sociais, livro) potencializados pelos meios digitais. Considerando-se a questão da aproximação física, imediata, temos a seguinte publicação na página da plataforma Instagram da *tariqa*, no dia 17 de Julho de 2022:

Figura 7 - Convite para o dhikr / zikr<sup>24</sup> naqshbandi



Fonte: [www.instagram.com/p/CgHIPF1KdMb](https://www.instagram.com/p/CgHIPF1KdMb), de 17 de Julho de 2022.

Ou seja, ainda em meados de 2022, quando a pandemia de COVID-19 no Brasil ainda atinge cidadãos e cidadãos, a *tariqa* segue obedecendo às normas sanitárias que variam entre as várias cidades nas quais *murids* se encontram, mas sem abandonar o método tradicional de ensino dos meios islâmicos como a aula presencial, chamando os seus aprendizes, quando possível, para tanto. Uma publicação como a acima referida mostra um trânsito entre o espaço digital e o presencial, mantendo uma presença pela digitalidade que talvez não se daria de outra forma - aproximando-se do que se convencionou chamar em meios acadêmicos de “formato híbrido”. Assim, ao invés de reduzir os contatos entre seus membros devido à pandemia, a *tariqa* ampliou seus acessos ao público externo, possibilitando que outros públicos acessassem seus ensinamentos.

### Projeto Tamareira: tâmaras para todo país

<sup>24</sup> A palavra ذِكْر (*dhikr*) do árabe possui a letra ذ em seu começo, que tem sonoridade próxima ao do fonema /z/. A opção por manter duas formas de grafia na mesma chamada indica 1) uma amplitude de usos dos leitores, que identificam ao menos uma das formas como a correta e 2) a tentativa de não realizar uma opção por essa ou aquela forma, respeitando regionalismos e usos coloquiais da transliteração do árabe (uma vez que os padrões de transliteração variam). Curiosamente, a chamada para o ritual contém, entre colchetes, uma explicação sucinta do que se trata o *dhikr* / *zikr*: “lembrança de Allah [swt] ou meditação sufi”. A sigla “swt” significa سُبْحَانَهُ وَتَعَالَى (subhana wa ta'ala), em tradução livre “glorificado e exaltado”, em referência a Allah.

Outra experiência de organização da comunidade muçulmana brasileira está expressa no Projeto Tamareiras. Não foi o único grupo que surgiu com a temática da alimentação durante a pandemia, mas foi o único, até onde nos chegou ao conhecimento, que tentou articular uma rede de pessoas muçulmanas, sob coordenação de mulheres muçulmanas, em um país continental em torno de algo tão fundamental para a sobrevivência na pandemia ou fora dela como a obtenção de alimentos. O perfil na plataforma Instagram<sup>25</sup> relata a proposta de comércio justo, cooperativo, com trabalho voluntário embasando.

Surgido em 2020, a primeira compra realizada pelo grupo foi de tâmaras provenientes da Palestina. A tâmara é um alimento que tem relevância singular para muçulmanos por ser uma fruta citada no Alcorão<sup>26</sup> e em relatos da vida do Profeta Muhammad. Daí tomar relevância na medicina profética, principalmente com narrativas como “O Mensageiro de Allah (ﷺ) disse: ‘Aquele que come sete tâmaras *‘ajwa* todas as manhãs não será afetado por veneno ou magia no dia em que as comer.’”<sup>27</sup> ou o relato do Alcorão em 19:23-25, quando Maria, mãe de Jesus, sentindo a aproximação das dores do parto, obtém alimento da tamareira. Significativo, portanto, que o grupo tenha recebido o nome da planta que fornece tantas benesses.

Quando criado, seu funcionamento se deu por um grupo privado do aplicativo de mensagem WhatsApp, utilizando formulários do Google Forms para organizar as compras (cada pessoa fazia o apontamento dos produtos que desejava que estavam disponíveis, indicando quantidade e local para entrega), mobilizando formas de pagamento por meio de aplicativos bancários (Pix e transferências bancárias). Ou seja: foi estabelecida uma dinâmica marcada pelo uso de tecnologias de informação e comunicação recentes para obtenção de alimentos. Dentre os produtos comercializados, ofereceu-se desde as tão procuradas tâmaras até açaí, damasco, pistache e doces caseiros. Campanhas de auxílio a pessoas muçulmanas em situação de necessidade foram repercutidas no grupo, chegando mesmo a receber pessoas não muçulmanas à procura de uma iniciativa de comércio cuja finalidade não era a obtenção de lucro. Importante relatar que a iniciativa arrefeceu com o progressivo afrouxamento das medidas de restrição e com a progressão da vacinação, de modo que já a alguns dias<sup>28</sup> não é feita nenhuma postagem ou partilha.

---

<sup>25</sup> Disponível em [www.instagram.com/oprojetotamareira](http://www.instagram.com/oprojetotamareira)..

<sup>26</sup> Tâmaras são citadas no Alcorão em 2:266, 6:99, 6:141; 14:4; 16:11, 16:67, 17:91, 18:32, 19:23, 19:25, 20:71, 23:19, 26:148, 36:34 - dentre outras. Ou seja, é uma fruta citada textualmente no Alcorão como evidência divina.

<sup>27</sup> Extraído e traduzido de <https://sunnah.com/bukhari:5445>. Tal narrativa aponta mesmo benefícios espirituais para o consumo de tâmaras, com a proteção contra magia - algo ímpar para um alimento.

<sup>28</sup> Escrevemos estas linhas em 24 de Agosto de 2022; a última mensagem no grupo de WhatsApp é de 9 de Agosto de 2022.

### **Comitês Islâmicos de Solidariedade: manifestos de Muçulmanas e Muçulmanos**

Criado durante o processo que culminou no impeachment da presidenta Dilma Roussef, em 2016, os Comitês Islâmicos de Solidariedade se articula com o Coletivo Muçulmanas e Muçulmanos Contra o Golpe lançando o manifesto, em Abril de 2015, *Muçulmanas e Muçulmanos contra o Golpe* (FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2016, p.200-201), que se encerra com a significativa frase “Nossas cabeças, baixamos apenas perante Deus! Não as baixaremos ao golpe!”, fazendo alusão ao ato da oração, onde as pessoas muçulmanas encostam seus rostos no solo em adoração. O CIS terá, dentre seus membros e signatários do Manifesto, pessoas das diferentes regiões do país, unificadas pela possibilidade de contato rápido que os meios digitais favorecem.

Seguiram-se outros apoios: em defesa de Senadora Gleisi Hoffman, em apoio à causa Palestina contra o estado de apartheid da ocupação sionista e outras pautas alusivas ao campo políticos das esquerdas. Naturalmente haveria de surgir um manifesto contra a política sanitária do governo Jair Bolsonaro que conduziu o país à marca alarmante de, pelo menos, 700.000 mortos: foi o *Manifesto de Muçulmanas e Muçulmanos em defesa da vida*<sup>29</sup>, de 30 de Março de 2021. As demandas do manifesto são: vacinação pelo SUS e garantia de oxigênio; defesa do auxílio emergencial para pessoas em situação de risco; apoio às micro e pequenas empresas; impeachment de Bolsonaro e investigação pelo Tribunal Penal Internacional dos crimes contra a humanidade cometidos pelo seu governo e pelos governos estaduais. A questão social é então expressa como de preocupação imediata e sua proposta não é de atuação somente em ambientes digitais: pelo contrário, a proposta será de intervenção nas instituições políticas e sociais, sendo tais demandas, ao menos em um primeiro momento, mais políticas que religiosas. A COVID-19 mobilizou esse grupo de muçulmanas e muçulmanas a se articularem e exigirem questões tocantes a toda a população brasileira, não somente aos que se incluem na identidade islâmica.

### **CEP-FISM: aprender o Islam via Zoom**

Em Fevereiro de 2022 é criada a página na plataforma Facebook do CEP-FISM<sup>30</sup>, o Centro de Estudos, Pesquisa e Formação sobre o Islam e as Sociedades Muçulmanas - com a página [cep-fism.org](http://cep-fism.org) fora da rede social citada. Criado no final de Janeiro de 2022, o Centro é uma iniciativa que concretiza uma situação previamente estabelecida por membros

---

<sup>29</sup> Disponível em: <https://manifestomuslim.mobiliza.online/>.

<sup>30</sup> Disponível em [facebook.com/cepfism](https://facebook.com/cepfism).

principalmente da comunidade muçulmana do Rio de Janeiro, mas contando com a presença de muçulmanas e muçulmanos de diferentes estados do Brasil, de diferentes perspectivas islâmicas (sunitas e xiitas) e mesmo de diferentes orientações políticas.

As ações do Centro se desenvolveram, em boa medida, em torno das aulas do burquinense Idriss Deme, professor de Ciências Islâmicas e doutorando em Física. Tais aulas ocorriam previamente à pandemia em um espaço na cidade do Rio de Janeiro. Todavia, com as limitações sanitárias que a COVID-19 passou a demandar das pessoas, houve um primeiro momento de hiato de reuniões do grupo e então a proposição de que aulas *online* passassem a ser realizadas, dado o interesse do grupo. As aulas seguiram então utilizando-se de um grupo de WhatsApp para sua organização, com lições de língua árabe e de estudos islâmicos, bem como da plataforma Zoom para reunião nas conferências. O Centro é então fruto da reunião de pessoas que se interessaram em formalizar uma instituição que pudesse realizar eventos, ter seu espaço próprio para, quando possível, realizar encontros presenciais<sup>31</sup>. Fundou-se então esse espaço que contempla atividades que abrangem desde a educação de crianças, filhas e filhos de muçulmanas e muçulmanos, até palestras e promoção de cursos.

Essa instituição surge no contexto pandêmico propondo-se a perpetuar o aprendizado do Islam, se projetando para além do Rio de Janeiro, onde surge geograficamente, e abrangendo diferentes estados do país, considerando a localização dos participantes das aulas. Portanto, há um movimento de encontros presenciais para reuniões *online* para a hibridização das reuniões: atualmente, algumas das aulas são realizadas presencialmente enquanto são transmitidas via Zoom ou Google Meet. O CEP-FISM realiza um movimento de relação com os meios digitais de entrada, mas não de saída, dado que a ampliação dos participantes levou à superação dos meios físicos - todavia, com o esforço em manter-se o caráter tradicional de ensino islâmico.

### **Considerações Finais**

Os exemplos que colhemos sobre ser muçulmano *online* (ou “cybermuçulmano” ou “iMuslim” - BUNT, 2009, 2018) como solução de continuidade de identidade islâmica são oriundos de movimentações principalmente durante a pandemia de COVID-19, o que levou à digitalização de diferentes relações antes presenciais. Todavia, relações digitais na

---

<sup>31</sup> Estão havendo encontros para oração em congregação de sexta-feira, anunciados na página de Facebook do Centro.

comunidade muçulmana brasileira já se vislumbravam<sup>32</sup>; desse modo, os exemplos trazidos neste texto ilustram empenhos de diferentes grupos sociais. Enquanto limites desta pesquisa, focamos no setor da comunidade que se identifica enquanto sunita, apesar da existência de iniciativas xiitas e mesmo da relação entre sunitas e xiitas em alguns dos exemplos colhidos - questões que fugiriam do escopo deste trabalho. Além disso, os exemplos não se esgotam naqueles que trouxemos e certamente haverão impactos dessa digitalização do Islam no “novo normal”, “pós-pandemia”, “entre-pandemias” ou como quer que se refiram ao período posterior à emergência sanitária. Agentes sociais islâmicos (ou islamistas) já estabelecidos em meios digitais passaram a ter outros colaboradores ou concorrentes. Pode-se dizer que nada será como antes amanhã nos ambientes cyber-islâmicos, seja para os agentes sociais islâmicos, seja para seus frequentadores.

A afirmação de que “Os mundos digital e analógico são, afinal, independentes e simbióticos.”<sup>33</sup> (ROZEHNAL, 2019, p. 38), foi elaborada originalmente pré-pandemia, mas se aplica plenamente à situação corrente da *ummah* brasileira, que tem seu aspecto de *ummah* digital. Os contatos internacionais dessa comunidade que os meios digitais permitiram é outro aspecto que precisaria ser melhor estudado: isso porque o Islam no Brasil não passou por um processo de “copiar e colar” do que era vivido em países de população majoritariamente muçulmana, mas passou a ter suas configurações locais próprias. Cliques de mouse, palavras digitadas em teclados e no *touchscreen* dos *smartphones* acrescentaram maior complexidade a essas trocas culturais e religiosas que só na contemporaneidade tiveram espaço. Não considerar a *ummah* digital em suas manifestações multiplataformas será então um equívoco na compreensão das dinâmicas islâmicas brasileiras, bem como restringir-se a essa ou àquela plataforma de rede social ou de vídeos, uma vez que, como muitos, muçulmanas e muçulmanos fazem uso de diferentes ferramentas para suas sociabilidades.

---

<sup>32</sup> Vide o Instituto Latino Americano de Estudos Islâmicos ([www.academiaislamica.com](http://www.academiaislamica.com)), uma instituição de Educação à Distância voltada para formação de divulgadores e estudantes.

<sup>33</sup> Tradução livre: *The digital and analog worlds are, in the end, independent and symbiotic.*

## Referências

- ABÍMBOLA, Kola. Abortion in Islam: the roles of cultures and virtues in medical ethics. **Pacha: Revista de Estudios Contemporáneos del Sur Global**, Quito, v. 2, n. 5, p. 1-13, 25 jul. 2021. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/526e145ec2121413829ddb75ac5afb44/>. Acesso em: 24 ago. 2022.
- ALI, Kecia; LEAMAN, Olive. **Islam: the key concepts**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2008.
- AL-HAQQANI, shaykh Nazim. **Amor: uma coletânea de sabedoria de Shaykh Nazim Al-Haqqani**. Curitiba: Editora Nasqbandi do Brasil, 2021.
- BARBOSA, Francirosy Campos. Covid-19, comunidades islâmicas, islamofobia. **Religião & Sociedade**, [S.L.], v. 41, n. 2, p. 115-134, ago. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/vqZrnLXK6jBJ93nz7PxNwjL/>. Acesso em: 07 ago. 2022.
- BAKER, Joseph O; MARTÍ, Geraldo; BRAUNSTEIN, Ruth; WHITEHEAD, Andrew L; YUKICH, Grace. Religion in the Age of Social Distancing: How COVID-19 Presents New Directions for Research, **Sociology of Religion**, Volume 81, número 4, p. 357–370, 2020. <https://doi.org/10.1093/socrel/sraa039>
- BOTTINO, Caroline Martins de Melo; SCHELIGA, Eva Lenita; MENEZES, Renata de Castro. (2020). Experimentos etnográficos em redes e varandas: a religião em tempos de pandemia. **Cadernos De Campo (São Paulo - 1991)**, v. 29 (supl), 289-301. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29isuplp289-301>
- BUNT, Gary R. **iMuslims: rewiring the House of Islam**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2009.
- BUNT, Gary R. **Hashtag Islam: how cyber-islamic environments are transforming religious authority**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2018.
- EL-KAISY, Maha. AL-JUNAYD, Abu al-Qasim. In.: LEAMAN, Olive (ed.) **The Biographical Encyclopedia of Islamic Philosophy**. Londres e Nova Iorque: Bloomsbury Academic, 2015. p. 263-6.
- FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO (Org.). **Resistência e Contestação: sociedade brasileira e comunidade internacional contra o golpe de 2016**. Parte 1. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2016. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2017/05/ResistenciaeContestacao-ArquivoInternet-01.pdf>. Acesso 25 Ago. 2022.
- GIORDANO, Paolo. **No contágio**. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2020.
- GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; LIMA, Vanessa Karla Mota Souza. No rastro da al-Web: tecnoatores, dispositivos técnicos e experiências midiáticas na rede sociotécnica islâmica no nordeste do Brasil. **Paralellus: Revista de Estudos de Religião - Unicap**, [online], v. 12, n. 29, p. 277-293, 28 abr. 2021. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/1892/pdf>. Acesso em: 18 jul. 2022.
- GUELLOUZ, Azzedine. **O Alcorão**. Lisboa: Biblioteca Básica de Ciência e Cultura, 1996.
- HOFER, Nathan. **Shaykh / Pīr**. In.: CRONE, Patricia *et al.* **The Princeton Encyclopedia of Islamic Political Thought**. Princeton: Princeton University Press, 2013. p. 508-9.

IBN ‘ASHIR, ‘Abd al-Wahid. **Al-Murshi al-Mu’een**: the concise guide to the basics of the deen. Bradford: Diwan Press, 2018.

IŞIK, Hüseyin Hilmi. **Kitâb’us-salât**: Book of Namaz. Istanbul: Hakikati Kitabevi, 2015.

MACEDO, Isabella; BARBOSA, Francirosy Campos. Islamofobia de gênero e reflexos na saúde mental de mulheres muçulmanas. **Revista Usp**, [S.L.], v. 1, n. 131, p. 153-161, 10 dez. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/193323>. Acesso em: 25 ago. 2022.

OSMAN, Samira Adel. Presença muçulmana no Brasil: breve síntese histórica. **Hamsa** [Online], 5, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/hamsa/343>. Acesso em: 16 ago. 2022.

PACE, Enzo; GIORDAN, Giuseppe. A religião como comunicação na era digital. Dossiê: Religião – perspectivas contemporâneas. **Civitas: Rev. Ciênc. Soc.** 12 (3). Set-Dez 2012.

PRIMO, Alex. Afetividade e relacionamentos em tempos de isolamento social: intensificação do uso de mídias sociais para interação durante a pandemia de COVID-19. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, SP, v.21, n. 47, p. 176-198, 2020.

ROZEHNAL, Robert. **Cyber Sufis**: virtual expressions of the American Muslim experience. Londres: OneWorld Academic, 2019.

SILVA FILHO, Mário Alves da. **A mística islâmica em Terræ Brasilis**: o sufismo e as ordens sufis em São Paulo. 2012. 175 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/1871/1/Mario%20Alves%20da%20Silva%20Filho.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2022.

SOARES, Patrícia. **O islam, as pandemias, os conselhos do profeta e a medicina dos Imames**. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/o-islam-as-pandemias-os-conselhos-do-profeta-e-a-medicina-dos-imames/>. Acesso em: 22 ago. 2022.

SOBREIRA, Juazer Caesar Malta; FARIAS, Hesdras Sérvulo Souto de Siqueira Campos. (2011). Negro, Escravo e Muçulmano: um breve estudo da influência islâmica na “Revolta dos Malês”. **Revista De Teologia E Ciências Da Religião Da UNICAP (Descontinuada)**, v. 1 n.1, p. 141-152.

SOUZA, Felipe Freitas de. Islamofobia brasileira online: discursos fechados sobre o Islam em uma rede social. **pragMATIZES**, [s.l.], v. 7, n. 13, p.36-52, abr. 2017a. Disponível em <https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/10458>. Acesso em 25 ago. 2022.

\_\_\_\_\_. Os relatórios do Council on American-Islamic Relations, islamofobia profissional e indústria da islamofobia nos EUA. **Diversidade Religiosa**, João Pessoa, v. 7, n. 2, p. 25-52, 2017b. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/index.php/dr/article/view/35913>. Acesso em 25 ago. 2022.

\_\_\_\_\_. A produção de discursos islamofóbicos online no Brasil: estudos exploratório dos agentes cristãos. In: SEMANA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 16, 2017c, Araraquara. **Anais de Evento**. Araraquara: FCL-Unesp, 2017c. p. 2639-2655.

VERZA, Tadeu Mazzola. Kalām: A Escolástica Islâmica. In.: PEREIRA, Rosalie Helena de Souza (org.). **O Islã Clássico**: itinerários de uma cultura. São Paulo: Perspectiva, 2007. p.149-75.